

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Especialização em Terapia Familiar e de Casal

Marta Souza Santos

INFIDELIDADE VIRTUAL: IMPACTOS DA INTERNET NA RELAÇÃO CONJUGAL

PUC
São Paulo
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Especialização em Terapia Familiar e de Casal

Marta Souza Santos

INFIDELIDADE VIRTUAL: IMPACTOS DA INTERNET NA RELAÇÃO CONJUGAL

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialização em Terapia de Casal e Família. Sob a orientação de Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo.

PUC
São Paulo
2018

A meu marido, Otávio, meu companheiro e parceiro de vida e às nossas filhas, Anna Clara e Kamilla, por compreenderem minha ausência enquanto me dedicava a este trabalho.

Agradecimentos

A meus pais, Alice e Genádio, que sempre me incentivaram a estudar e a ir em busca de meus sonhos.

A meus amigos e familiares que vibram com minhas conquistas.

À minha orientadora, Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo, por sua contribuição, gentileza e apoio na construção deste trabalho.

A amigos e familiares que ajudaram na divulgação da pesquisa.

Às pessoas que participaram da pesquisa.

A meus clientes que vivenciaram a experiência da infidelidade, os quais mesmo sem saber, alimentaram em mim o interesse em investigar esse assunto.

Enfim, minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o êxito de mais esta caminhada acadêmica.

Infidelidade virtual: impactos da internet na relação conjugal

RESUMO

Os objetivos deste estudo são identificar os impactos da internet na relação conjugal; compreender os significados atribuídos pelas pessoas à infidelidade; identificar o que as pessoas consideram como infidelidade virtual; investigar em que medida a descoberta da infidelidade virtual é responsável pela dissolução da relação conjugal. Foi realizada uma pesquisa de natureza quali-quantitativa, tipo *survey*, via internet, mediante um questionário *online* sobre o assunto. Responderam 104 participantes, heterossexuais, 64,4% do sexo feminino e 35,6% do masculino, que estiveram ou estão em união estável, por no mínimo seis meses, com idade entre 18 e 60 anos. Para analisar o impacto que a internet/celular exercem na relação conjugal, as respostas foram divididas em três categorias: negativo, positivo e não interfere. Verificou-se que para a maioria das pessoas a internet exerce um impacto negativo na relação conjugal. Os temas que mais apareceram foram: desconfiança; afastamento; falta de tempo; controle; prejuízo social; brigas por uso incorreto do celular; falta de comunicação; insegurança; facilitação da traição; estresse; exposição. O segundo maior número de participantes relatou que não interfere, que não possuem segredos; que há confiança na relação; que não trocam a conversa entre o casal pelo celular. Apenas duas pessoas responderam que a internet/celular exercem um impacto positivo, pois facilita a comunicação. Para a maioria dos participantes infidelidade é a quebra do contrato de exclusividade conjugal, seguida por qualquer forma de traição mesmo que não envolva um terceiro na relação. Os dados confirmam que a descoberta da infidelidade virtual não é, necessariamente, responsável pela dissolução da relação conjugal. A maioria dos participantes que vivenciou essa experiência permaneceu junta.

Palavras-chaves: Infidelidade; Internet; Relação conjugal.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Caracterização dos participantes quanto à idade	34
Gráfico 2 – Caracterização dos participantes quanto ao sexo	34
Gráfico 3 – Caracterização dos participantes quanto à sua origem.	35
Gráfico 4 – Caracterização dos participantes quanto à escolaridade.....	36
Gráfico 5 – Caracterização dos participantes quanto ao	36
tempo de permanência na união conjugal.....	36
Gráfico 6 – Caracterização dos participantes quanto à existência ou não de filhos..	37
Gráfico 7 – Caracterização dos participantes quanto ao número de filhos	37
Gráfico 8 – Caracterização dos participantes quanto à idade dos filhos	38
Gráfico 9 – O que é considerado infidelidade virtual?	40
Gráfico 10 – Você já foi infiel na relação atual?	41
Gráfico 11 – Você já foi traída (o) na relação atual?	42
Gráfico 12 – Como ficou a relação conjugal após a traição virtual?	42
Gráfico 13 – Atualmente, como está a relação conjugal?	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - AMOR ROMÂNTICO E CASAMENTO	15
1.1 Infidelidade e intergeracionalidade	17
1.2 Ciclo Vital da família	18
1.2.1 Ciclo de vida do sistema conjugal	19
CAPÍTULO 2 - A INFIDELIDADE	22
2.1 Função de um caso extraconjugal	23
2.2 Pesquisas sobre infidelidade virtual	25
2.3 Dez mitos sobre a infidelidade	27
2.4 Impactos da infidelidade na relação conjugal	29
2.5 Infidelidade e Terapia de Casal e Família	29
CAPÍTULO 3 – MÉTODO	32
3.1 Participantes	32
3.2 Instrumentos	32
3.3 Procedimentos	32
3.4 Análise dos Dados	33
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE A	56
APÊNDICE B	60

INTRODUÇÃO

A infidelidade acontece em casamentos¹ bons, em casamentos ruins e até quando o adultério é punível com a morte. Acontece em relações abertas em que o sexo extraconjugal é cuidadosamente negociado de antemão. E a liberdade de deixar uma relação ou pedir o divórcio não tornou a traição obsoleta (PEREL, 2018).

Esther Perel (2018) investiga há quase três décadas as complexidades do amor e do desejo nas relações dos casais modernos. A autora afirma que o adultério existe desde que o casamento foi inventado, assim como o tabu que o cerca. Foi legislado, debatido, politizado e demonizado ao longo da história. É o único pecado que tem dois mandamentos na Bíblia, um por consumá-lo e um só por pensar nele.² Para ela, a infidelidade inclui um ou mais desses três elementos constitutivos: clandestinidade, química sexual e envolvimento emocional.

Em todas as sociedades, em todos os continentes e em todas as épocas, independentemente, das punições e dos impedimentos, homens e mulheres escaparam dos limites do matrimônio. Em quase todos os lugares onde as pessoas se casam, a monogamia é a norma oficial e a infidelidade é a clandestina. É um tabu consagrado pelo tempo, universalmente proibido, mas praticado (PEREL, 2018).

Pittman (1989) ressalta a importância de se diferenciar adultério de infidelidade. O adultério refere-se a um ato sexual fora do casamento e tem uma conotação legal e religiosa, infidelidade diz respeito à desonestidade sexual dentro do casamento.

Ainda segundo este mesmo estudioso, a infidelidade é uma questão moral e algo muito perturbador, porque desorienta o parceiro e, com bastante frequência, é capaz de destruir a relação, sendo a experiência mais temida e devastadora de um casamento. Embora, para o senso comum, a infidelidade esteja ligada ao ato sexual, ele esclarece que não está tanto no sexo, mas na desonestidade e no segredo que esconde a traição (PITTMAN, 1998).

¹ No presente estudo, a palavra “casamento” foi empregada no sentido da existência de uma união conjugal, independentemente de ter havido ou não a legitimação do vínculo conjugal.

² “Não pecar contra a castidade” e “Não cobiçarás a mulher do próximo” dos 10 mandamentos estabelecidos pela Igreja Católica. Disponível em: < <http://www.abiblia.org/ver.php?id=9152>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Perel menciona que é comum as pessoas verem um caso como um trauma sem volta, e de fato certos casos são um golpe mortal em um relacionamento. Porém, outros podem inspirar mudanças necessárias. A traição corta fundo, mas a ferida pode ser curada. Afirma ainda que um caso pode até se tornar produtivo para o casal. Embora a infidelidade tenha se tornado um dos principais motivos de divórcio, um grande número de casais continua junto, apesar dos casos fora do relacionamento (PEREL, 2018).

De acordo com Macedo, os casais possuem seu próprio sistema de regras sobre o que é, ou não considerado infidelidade. Sendo parte do acordo entre os cônjuges, implícitos ou explícitos, o que é considerado como infidelidade, o que é aceitável ou não. Neste sentido, uma definição mais simples de infidelidade seria: todo ato que viole o contrato do casal, sejam as regras desse contrato explicitadas claramente ou não (MACEDO, 2006, p.136).

Em cada cultura existem regras e definições diferentes para a infidelidade, no entanto, esse comportamento sempre foi autorizado aos homens pela sociedade. A partir da segunda metade do século XIX, passaram a ser observadas importantes e acentuadas mudanças no papel de homens e mulheres. A mulher passou a assumir, cada vez mais, uma posição de independência em relação a si e às suas escolhas. O papel do homem também vem sofrendo transformações. Com todas essas mudanças houve alterações no comportamento sexual dos casais, incluindo relacionamentos abertos, bem como práticas como o *swing*³ (SATTTLER, TAVARES, SILVA, 2017).

A questão é complexa, às vezes paradoxal, e envolve questões individuais, de família, socioculturais como gênero, classe social, educação, religião, entre outros (MACEDO, 2006).

De acordo com Zanello (2008) as mulheres, ainda hoje, são avaliadas segundo valores patriarcais tradicionais. Mesmo quando terminam um casamento pela infidelidade do parceiro, a culpa recai com muita frequência sobre elas. Esses valores tradicionais costumam ser reforçados pelas famílias que costumam transmitir

³ Os casais que aderem ao swing mantêm relações sexuais com outros casais (troca de parceiros) sem investirem em laços emocionais. Não praticam a monogamia do ponto de vista sexual, mas assumem-se como monogâmicos ao nível emocional. Disponível em: <<http://www.apsicologa.com/2005/11/swing-nova-infidelidade-ou-estilo-de.html>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

de forma explícita ou implícita às gerações subsequentes como veem o mundo e a si mesmas. As experiências observadas ou vivenciadas na família de origem reforçam esses valores (SATTLER, TAVARES, SILVA, 2017).

A Teoria do Apego também traz elementos importantes para a compreensão da infidelidade. O estilo de apego é formado por uma representação mental originada pelas relações significativas que o indivíduo teve com seus cuidadores na infância. Se a criança sente que pode contar com seus cuidadores nos momentos de necessidade, desenvolve um estilo de apego seguro. No entanto, se percebe a figura de apego como inconstante ou indisponível, desenvolve um estilo de apego inseguro (BOWLBY, 1977; JOHNSON, 2012). Esses estilos costumam ser generalizados para as relações futuras.

Ao longo da vida, a pessoa tende a se envolver em relações amorosas cuja dinâmica se assemelha àquelas mantidas na infância com os cuidadores. Pessoas com estilo ansioso costumam envolver-se com maior frequência em relações extraconjugais, em virtude de sua insegurança e da conseqüente insatisfação que vivenciam em seus relacionamentos. Pessoas com estilo evitativo também se envolvem com maior frequência em relações extraconjugais dadas suas dificuldades em relação à intimidade e à proximidade do outro (AFONSO, 2011; SATTLER, TAVARES, SILVA, 2017).

Segundo Costa e Cenci (2014), no começo da relação, ser fiel apresenta-se como uma tarefa natural para o casal que se sente envolvido com o início de um novo projeto de vida. No entanto, com a convivência conjugal os aspectos transgeracionais apreendidos e internalizados são facilmente repetidos.

Houve muitas mudanças e transformações ao longo do tempo. As possibilidades foram reconfiguradas, hoje existem diferentes formas e perspectivas de se relacionar. A Modernidade revolucionou não só as relações, mas também trouxe enormes avanços tecnológicos, como a Internet por exemplo.

A internet é uma ferramenta que ganha cada vez mais espaço no dia a dia das pessoas. Esse avanço tecnológico transformou vários contextos e situações, inclusive, os relacionamentos. Atualmente, é possível relacionar-se com alguém em um nível de intimidade afetivo, emocional e sexual, a partir de um contato virtual⁴.

⁴ As novas tecnologias marcaram um ponto de inflexão nas relações pessoais. Hoje em dia, pode-se manter contato presencial com amigos e familiares por meio de reuniões, festas de aniversários,

Inclusive, facilita as relações extraconjugais. A infidelidade virtual tem se tornado um fenômeno comum, isso é, tem se tornado uma demanda frequente nas terapias de casais.

A realidade virtual, instaurada pelo desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação e acessada mediante a criação de avançados dispositivos tecnológicos, tem ocupado um lugar de destaque na sociedade contemporânea (STENGEL, SOARES, 2018). Assim como a revolução industrial, vivida entre os séculos XIII e XIV, ocasionou uma nova organização psicológica, a do indivíduo, a revolução da internet, experimentada no início deste século, também tem proporcionado mudanças na organização psicológica contemporânea, gerando profundas transformações. Uma nova subjetividade, que é marcada pela fluidez e constante transformação, encontra-se em processo de construção no qual mutações no modo de se comportar, pensar e agir são inevitáveis (NICOLACI-DA-COSTA, 2002).

Mussi (2006) afirma que pela facilitação e possibilidades proporcionadas pelas máquinas, pessoas vivem tão intensamente sua vida virtual, que chegam a negligenciar sua vida presencial.

Para Medina (2006) o anonimato propiciado pela internet é uma poderosa ferramenta de indução para quebra de barreiras. A realidade virtual expressa a liberdade de certas resistências apresentadas pelo ser humano, que permite fluir novas personalidades e experimentar situações inéditas. Nesse novo espaço, o que eu sou de verdade não importa, máscaras são usadas para aproveitar a liberdade concedida, permitem às pessoas descobrirem facetas novas de sua personalidade e criar novas relações.

Ao não considerar o virtual como tal, dando-lhe cunho de real, passa a existir uma relação dual, imaginária e narcísica, os desejos passam a ter poder de lei sobre a realidade, havendo uma possível desconexão da realidade. Comportamentos reconhecidos, até então, apenas no imaginário, agora tornam-se concretos pela

encontros para tomar um café, fazer um passeio, entre outros. Entretanto, atualmente, existem também novas fórmulas de contato, como a Internet por exemplo, que possibilita que as pessoas mantenham contatos apenas por seus computadores pessoais ou celulares, dando forma ao chamado contato virtual. Disponível em: <<https://queconceito.com.br/contato-virtual>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

tecnologia que coloca o virtual e o imaginário lado a lado, em sua própria casa, no tempo e momento em que desejar (MEDINA, 2006).

De acordo com Colombo (2006), o uso dos telefones celulares é mais um recurso, assim como a internet, incorporado no dia a dia dos casais e de algumas famílias. Para ela, o telefone celular provoca tensões na vida cotidiana. Cumpre duas funções: de um lado, encurta distâncias, aproxima as pessoas, em relação à família, aos amigos e ao trabalho. De outro lado, divide ou separa o casal. O uso do telefone celular representa a inclusão de um terceiro nas conversações. Atender o telefone implica em fazer um intervalo com quem estava se conversando anteriormente, outra díade se forma e, naquele momento, passa a ser central. Quando o telefone toca, alguém se faz presente, alguém fica excluído, a situação triangular se potencializa.

Bauman (2003) reflete sobre a fragilidade dos laços humanos, transformados pelas redes de telecomunicação digital, e as consequências sociais da internet e da telefonia celular sobre os relacionamentos. Apresenta os relacionamentos reais modernos como sólidos, profundos e autênticos, distinguindo-se dos relacionamentos virtuais da Pós-modernidade, que considera descartáveis, frágeis e superficiais, para os quais sempre se pode apertar a tecla de deletar. Afirma que o relacionamento virtual é frívolo, frenético e incapaz de gerar introspecção como é feito no relacionamento real. O autor receia que o modelo virtual sirva como exemplo para o relacionamento real, tornando-o menos sólido e mais superficial, onde as pessoas são mais solitárias e descartáveis.

Recentemente, o site de tecnologia “TechTudo”, divulgou uma pesquisa realizada no mês de janeiro pela Kaspersky Lab, a qual revelou que 80% dos casais já discutiram por motivos que envolvem tecnologia. Entre as principais causas de desentendimento estão: passar tempo demais no celular, dar mais atenção ao telefone do que ao companheiro e interpretar textos ou emojis equivocadamente. O estudo foi realizado em parceria com a empresa de pesquisas Toluna., e entrevistou 18 mil pessoas (em números iguais de homens e mulheres) em 18 países, incluindo o Brasil. Todos os participantes eram maiores de 18 anos e estavam em um relacionamento estável há pelo menos seis meses (FERNANDES, 2018).

Segundo Macedo, a prontidão para um *affair* não é algo estático que acontece de uma hora para outra, como uma decisão repentina, mas, sim, algo que tem a ver

com sentimentos de estar insatisfeito, inquieto, desejando mudança. A autora afirma que um caso, em geral, não é o problema do casamento, mas um casamento problemático é uma excelente condição para o acontecimento do caso. Nem sempre a traição ocorre pelo fato do traidor não amar o parceiro, mas, ao contrário, ela pode ocorrer justamente pelo fato do traidor acreditar que pode, com isso, salvar seu casamento. É importante ressaltar que isso não ocorre por acidente, acaso ou destino. Em diversas oportunidades, o infiel vai fazendo escolhas que resultam num caso, e este pode ser visto como um desequilíbrio nas vivências emocionais do casal. Do ponto de vista sistêmico pode-se entender que a presença de uma terceira pessoa é um regulador da intimidade do casal em termos de proximidade e distância. (MACEDO, 2006).

Perel (2018), afirma que a maneira como se interpreta e define a infidelidade está ligada à época e aos lugares específicos onde ela ocorre. A definição desse fenômeno é tudo, menos fixa, sendo que a era digital tornou essa definição ainda mais complexa. Bater papo é trair? E enviar mensagens eróticas, ver filme pornô, participar de uma comunidade dedicada a um fetiche, continuar secretamente ativo em aplicativos de paquera, manter contato com o(a) ex marido (esposa), companheiro(a)?

Como terapeuta de casal e família avaliei que seria importante realizar um estudo para investigar e compreender os significados atribuídos pelas pessoas à infidelidade virtual e, em que medida esse fenômeno interfere na relação conjugal. Os resultados podem contribuir para a prática clínica de terapeutas de casal e família e para os casais de um modo geral. Imbuída destas ideias, o presente estudo buscou responder os seguintes objetivos:

Objetivo Geral

Identificar os impactos da infidelidade virtual na relação conjugal.

Objetivos Específicos

- Compreender os significados atribuídos por cada cônjuge à infidelidade.
- Identificar o que cada um considera como infidelidade virtual.
- Investigar em que medida a descoberta da infidelidade virtual é responsável pela dissolução da relação conjugal

Para atingir tais objetivos, pensou-se em estruturar este estudo em 2 capítulos de embasamento teórico: o primeiro aprofundando-se em estudos sobre a união conjugal em si e sua inserção no Ciclo Vital familiar, e o segundo tratando especificamente da questão da infidelidade. O terceiro capítulo teve-se à descrição do método e um quarto aos processos de análise e discussão de resultados.

CAPÍTULO 1 - AMOR ROMÂNTICO E CASAMENTO

Antigamente, o casamento era marcado pelos interesses das famílias de origem dos noivos, tendo como objetivos principais a preservação do patrimônio e a autopreservação, o funcionamento familiar era hierárquico, o homem era detentor do poder familiar (OZORIO, 2017).

O matrimônio tradicional tinha objetivos claros, baseados em papéis de gênero bem definidos e divisão laboral. Contudo que cada um fizesse o que devia fazer, o par era bom. Era um sistema no qual a desigualdade de gênero estava gravada na legislação e codificada no DNA cultural. Quando as mulheres se casavam entregavam seus direitos e propriedades individuais, inclusive, tornavam-se propriedades. A virgindade da noiva e a monogamia da esposa eram fundamentais para a proteção da honra do marido e para garantir a linhagem, pois não existia ainda o exame de DNA. A fidelidade conjugal e a monogamia não tinham a ver com o amor, tais compromissos eram impostos às mulheres para resguardar patrimônio e linhagem (PEREL, 2018).

O romantismo mudou tudo. No fim do século XVIII e começo do século XIX, em meio à mudança social advinda da Revolução Industrial, o casamento foi redefinido. Aos poucos, evoluiu de iniciativa econômica para a busca de companheirismo, para um compromisso de livre escolha entre dois indivíduos, baseados não no dever e na obrigação, mas no amor e afeto. Apesar dessas mudanças, alguns fatos sociais permaneceram intactos bem depois de meados do século XX: o casamento deveria durar até o fim da vida, as mulheres continuavam a depender dos maridos, econômica e juridicamente, a religião definia a moralidade e ditava o código de conduta, o divórcio era raro e motivo de grande vergonha e preconceito (PEREL, 2018).

O feminismo e a contracepção deram às mulheres o poder de controlar os próprios corpos e vidas. A monogamia significava ficar com uma pessoa para o resto da vida, agora, quer dizer uma pessoa de cada vez. O sexo para procriação foi substituído pelo sexo para o prazer. O sexo conjugal passou de dever matrimonial da mulher a uma via conjunta de prazer e conexão. Atualmente, o casamento termina quando o amor morre.

Quando o sexo foi dissociado da reprodução, deixou de ser apenas uma característica de nossa biologia para se tornar uma marca de nossa identidade. Nossa sexualidade distanciou-se do mundo natural pela socialização e transformou-se em um atributo do eu, que é definido e redefinido ao longo da vida. O sexo tornou-se um direito humano ligado à individualidade, à liberdade individual e à realização pessoal. O êxtase sexual, virou um pilar do novo conceito de intimidade.

A centralidade da intimidade no casamento moderno é indiscutível. A proximidade emocional deixou de ser o subproduto de uma relação de longo prazo a passou a ser obrigatória para que ela exista. No mundo tradicional, a intimidade tinha relação com o companheirismo originado do compartilhamento das vicissitudes da vida cotidiana, cultivar a terra, criar os filhos, suportar perdas, doenças e adversidades. Tanto homens, quanto mulheres eram mais propensos a buscar amizades e um ombro para chorar em relações com pessoas do mesmo sexo. Os homens aproximavam-se por meio do trabalho e das cervejas, as mulheres estabeleciam vínculos mediante a maternidade e do empréstimo de farinha (PEREL, 2018).

O mundo moderno está em movimento constante, girando cada vez mais rápido. No entanto, ainda se quer tudo que a família tradicional deveria suprir, segurança, filhos, bens imóveis e respeitabilidade, só que agora também se quer que o parceiro ame, deseje e seja interessado em nós. Os parceiros devem ser os melhores amigos, confidentes e amantes fervorosos. A imaginação humana suscitou um novo Olimpo: que o amor permaneça incondicional, a intimidade fascinante e o sexo fantástico, a longo prazo, com a mesma pessoa. Porém, as pessoas têm ideias extremamente contraditórias. Pretende-se que o escolhido ofereça estabilidade, segurança, previsibilidade e confiabilidade. E, ainda se quer que a mesma pessoa ofereça estupefação, mistério, aventura e risco, conforto e exagero, familiaridade e novidade, continuidade e surpresa. Procura-se ter sob um único teto desejos que desde sempre tiveram lugares separados (PEREL, 2018).

A mesma autora afirma que as gerações anteriores aprendiam que a vida impõe sacrifícios e que a geração atual rejeita, obstinadamente, a frustração. Em um mundo de opções infinitas, sempre se está à procura de algo melhor. No minuto em que consegue o que se quer, as expectativas e desejos tendem a subir e as pessoas acabam não se sentindo mais felizes. A cultura da rapidez atrai com possibilidades

infinitas, mas também exerce uma tirania sutil. A consciência constante das alternativas disponíveis convida a comparações desfavoráveis, afrouxa compromissos e impede de apreciar o momento presente. Não são os desejos que são diferentes hoje em dia, mas o fato de se ter a sensação de que se merece ir atrás deles. O dever principal que a pessoa tem agora é para com ela mesma, mesmo que às custas de quem ama.

O casamento foi virado do avesso, proporcionando cada vez mais igualdade, liberdade e flexibilidade. Quando o casamento era um arranjo econômico, a infidelidade ameaçava a segurança econômica, agora, o casamento é um arranjo romântico, e a infidelidade ameaça a segurança emocional, e nesse particular observa-se muito a influência de aspectos intergeracionais.

1.1 Infidelidade e intergeracionalidade

O conceito de intergeracionalidade compreende a transmissão de legados, condutas, mitos, crenças e rituais de uma geração à outra. Os conteúdos transmitidos servem muitas vezes de elementos agregadores do núcleo familiar, porém nem sempre são heranças positivas, muitas vezes são elementos que impedem o desenvolvimento e a autonomia de seus membros (ZERBINI, 2014).

A mesma autora relata sobre um estudo realizado por Platt et al. (2008), que analisou o impacto da infidelidade dos pais no estilo de vinculação e na autoimagem que o filho tem de si e do outro. Examinaram também o impacto produzido pelo conflito interparental no estilo de apego e a probabilidade do filho se envolver em infidelidade. O estudo foi realizado com 150 jovens universitários. Os autores observaram que os relatos de filhos de pais conflituosos apresentavam visões mais negativas de si mesmo e dos outros. As filhas pareciam mais afetadas que os filhos na visão negativa sobre si mesmas. A ameaça percebida como resultado da vivência dos conflitos paternos parecia estar presente no estilo de apego apresentados pelos filhos, o evitativo temeroso. Além disso, perceberam que filhos homens adultos que tinham conhecimento da infidelidade paterna eram mais propensos (52%) a se envolver em infidelidade do que filhos sem esse conhecimento (27%). No que tange à infidelidade materna não foi encontrada a mesma correlação (ZERBINI, 2014).

Zerbini e Cerveny (2011) apresentaram um estudo de caso com o genograma de um casal com histórico de infidelidade presente em três gerações da família de origem de um dos cônjuges. O casal repetiu a sequência intergeracional com o mesmo padrão de infidelidade dos avós (maternos e paternos) e dos pais. Foram leais ao legado e heranças intergeracionais e desleais ao compromisso conjugal. A infidelidade em alguns casos são fidelidade à família de origem. Na clínica, a repetição da infidelidade na família ao longo de gerações é um tema frequente.

1.2 Ciclo Vital da família

O ciclo vital familiar envolve as várias etapas definidas sob alguns critérios pelas quais as famílias passam, da sua constituição em uma geração até a morte dos indivíduos que a iniciaram (CERVENY, 1997). Esses critérios podem ser a idade (de pais ou filhos), o tempo de união e a entrada e saída de membros, considerando-se que famílias são constituídas sob diferentes configurações. Há o casal tradicional heterossexual, o casal homossexual, o casal reconstituído, todos eles passando por etapas com desafios e tarefas específicos no ciclo de vida familiar (CERVENY e BERTHOUD, 2009).

De acordo com Cerveny, o ciclo vital familiar divide-se em quatro estágios:

- **A fase de aquisição** – É o período da união do casal até a entrada dos filhos na adolescência. O maior número de aquisições está nessa primeira fase: nascimento da família, chegada dos filhos, aquisição de patrimônio, crescimento profissional, educação dos filhos, entrada dos filhos na escola, organização do novo sistema, novos papéis, renegociação de valores e regras, construindo um modelo particular de família que desejam construir.
- **Família adolescente** – Período em que os pais e filhos estão vivendo a adolescência. Fase de profundas transformações pessoais e relacionais de pais, mães e filhos. Questionamento de crenças, regras e valores. Os filhos estão em período de transição e mudança para a fase adulta, e os pais vivendo a crise do meio da vida, na qual reveem as experiências passadas e reavaliam suas vidas, vivendo a segunda adolescência, preocupam se com a aparência, saúde e envelhecimento. O sistema familiar nessa fase altera-se,

as relações são revistas e readaptadas. Muitas vezes, acontece de só um dos pais adolescer, deixando o cônjuge ficar com a carga de mais um filho. As regras da primeira fase já não dão conta do bom funcionamento da família.

- **A fase madura** – É a fase mais longa do ciclo vital. Compreende a saída dos filhos de casa, a entrada de agregados e netos, o início de perdas e de cuidados com a geração anterior, o preparo para a aposentadoria e o cuidado com o corpo tendo em vista o envelhecimento. O casal precisa reestruturar o sistema conjugal, os filhos adultos desafiam os pais a rever suas metas de vida, uma vez que não precisam mais ser cuidados. Com o casamento dos filhos, os pais têm que se adaptar à entrada de novos membros na família e mais uma vez renegociar regras de convivência e padrões de relacionamentos.
- **A fase última** – Inicia-se quando o casal volta a ficar sozinho. A qualidade e as características dessa fase são quase uma consequência de como foram vividas as anteriores. É normalmente nessa fase que um dos cônjuges fica viúvo e, tem que resolver questões como com quem morar e como se manter financeiramente, resolver questões pessoais de adaptação às novas condições emocionais de perda de funções e papéis. Quando as relações foram bem resolvidas nas fases anteriores, geralmente, o sistema familiar consegue se adaptar às novas demandas que a fase última da vida apresentam. Porém, conflitos trazidos de fases anteriores dificultam em muito as renegociações necessárias nesse momento do ciclo vital.

A fase de aquisição é a lua nova despontando brilhante no céu. A crescente é a fase da família adolescente. A fase madura é a lua cheia, a família grande e pesada. A fase última, é aquela lua nova que se formou anos atrás, muitas vezes minguando com apenas uma ou duas pessoas, mas que vai se perpetuar na próxima lua nova. (CERVENY, 1997).

1.2.1 Ciclo de vida do sistema conjugal

Zerbini (2014) descreve o ciclo de vida do sistema conjugal, descritos por Campbell (1994), o qual ocorre em estágios:

Estágio 1. Romance

O casal está imbuído em idealizações, pauta-se pelo “deve ser” e não pelo que o outro é realmente. Há a ilusão de unidade e negam-se as diferenças. Quando a realidade se impõe e surgem as diferenças de interesses, o casal pode migrar para a fase seguinte pela negociação das diferenças ou encerrar o relacionamento por não superar a visão idealizada.

Estágio 2. As lutas de poder

Ocorre o reconhecimento de que “você não é quem eu pensei que fosse”. A ilusão de unidade é substituída pelo desencanto da desunião. A luta pelo poder pode transformar-se em uma tentativa de moldar o outro; o obstáculo a ser superado é a ilusão do poder. A luta chega ao fim quando se deixa de colocar no outro expectativas e desejos e passa-se a viver a vida a dois pautada na realidade.

Estágio 3. Estabilidade

Momento de assumir as próprias falhas e permitir ao outro ter fraquezas e cometer erros. O outro não é mais o centro da vida do parceiro, havendo espaço para a vivência das individualidades. Nessa fase, o obstáculo é superar a ilusão de paz, apego e estabilidade em busca de novas mudanças, sabendo que a vida envolve instabilidade e riscos.

Estágio 4. Compromisso

A aceitação de que o outro possui facetas que são amadas e outras nem tanto, possibilita gerenciar opostos e discordar sem entrar em lutas pelo poder, permitindo liberdade de escolha e autonomia para estar com o outro pelo compromisso assumido e escolhido.

Estagio 5. Cocriação

O casal integra o aprendido nas fases anteriores e participa ativamente do mundo externo, geralmente em projetos comuns. O obstáculo é direcionar-se para o externo, esquecendo o investimento interno.

Na visão de Zerbini (2014), os estágios propostos por Campbell são relativamente previsíveis, mas não parecem coincidir com as etapas do ciclo vital familiar descritos anteriormente, pois com a chegada dos filhos, assim como sua saída, o papel das famílias de origem e o cuidado com as gerações anteriores implica em mudanças sérias no sistema conjugal. No entanto, reconhece que esses estágios são percebidos no envolvimento amoroso dos indivíduos e, sugere novas pesquisas integrando estas visões, pois seria interessante para o trabalho de famílias e casais.

CAPÍTULO 2 - A INFIDELIDADE

De acordo com Macedo (2006), respaldando-se em Brown (1999), existem algumas intercorrências de um casamento que mais favorecem o comportamento de infidelidade:

- No início do casamento quando os parceiros estão na fase de construção da conjugalidade, do compromisso assumido em relação aos projetos comuns e da intimidade.
- Após o nascimento de um filho, em geral, o primeiro ou segundo quando a função materna adquire o centro da vida da mulher.
- Quando os filhos saem de casa.
- Quando surge o sentimento de que o outro não pode satisfazer a imagem idealizada, não importa o que ele tente fazer.

Acredita-se que os homens procuram um caso mais por insatisfação pessoal, do que conjugal, buscam muitas vezes livrar-se das exigências de uma verdadeira intimidade, proximidade afetiva ou perturbação sexual, sobretudo, nos casos em que, por suas vivências, sentem dificuldades de integrar na mesma pessoa a esposa e a amante. O erotismo, vivido por meio da pornografia devido ao tipo de educação tipificada de meninos e meninas, dificulta estimular e mesmo aceitar o comportamento sedutor da esposa, esta, por sua vez, tem receio de agir com sedução e erotismo com medo de ser mal interpretada pelo marido (MACEDO, 2006).

A mesma autora afirma que as fases do ciclo vital, com suas crises esperadas em virtude das tarefas emocionais e sociais que implicam, são tomadas como referência para marcar momentos de fragilidade que favorecem o aparecimento de casos. Mais do que buscar razões individuais é preciso compreender o significado do caso e qual a mensagem que ele passa, centrando o foco na relação.

2.1 Função de um caso extraconjugal

Prado, apoiando-se nos estudos de Goldenberg, 2006, aponta que as relações extraconjugais são um assunto controverso, geralmente, estão no centro dos conflitos conjugais e de problemas familiares, sendo fundamental que os terapeutas individuais, de casal e família, possam compreendê-los o melhor possível. Muitos segredos familiares têm em seu cerne algum relacionamento extraconjugal, pela carga de passionalidade, bem como pelas implicações morais e religiosas que envolvem esse tema. Sabe-se que mais de 50% dos indivíduos casados (60% dos homens e quase 50% das mulheres) envolvem-se, em algum momento da vida, com outra pessoa fora do casamento (PRADO, 2009).

Prado e Zanonato, examinaram os casos extraconjugais duradouros, a partir da perspectiva da função que poderiam estar cumprindo no contexto dos casamentos de um ou de ambos os amantes. Verificou-se que a paixão costuma estar presente na fase inicial dos relacionamentos, sendo caracterizada por sentimentos e vivências emocionais muito intensos, “acompanhados de uma visão idealizada do objeto amoroso, mas tem uma duração limitada” (2009, p.399).

As relações extraconjugais frutificam nos espaços dos desencontros, dos conflitos, dos distanciamentos ou das insatisfações conjugais e perduram em função da incapacidade dos cônjuges enfrentarem suas dificuldades e resolverem seus relacionamentos por meio do diálogo construtivo. Quando não há comunicação adequada entre marido e mulher, os casamentos podem tornar-se mornos e desvitalizados, determinando profundas insatisfações em um, ou em ambos os parceiros, os quais, muitas vezes, mantêm a relação por razões morais ou religiosas, para proteger os filhos ou o patrimônio, ou simplesmente por incapacidade para enfrentar a dor da separação ou as perdas que ela necessariamente acarreta (PRADO, 2009).

Em relação à função dos casos extraconjugais, Prado (2009) estabeleceu seis diferentes possibilidades:

- Algumas relações extraconjugais contribuem para a estabilidade dos casamentos, são aquelas relações que têm como função evitar o divórcio, funcionando como um fator de equilíbrio homeostático para os sistemas

conjugais, de um ou de ambos os parceiros que estejam tendo um caso extraconjugal. Esses relacionamentos ajudam os indivíduos a sobreviverem a seus casamentos frustrantes e insatisfatórios, sem terem necessidade de enfrentar seus conflitos, ou as dores de uma separação.

- Outros casos amorosos caracterizam-se como momentos de amor que podem enriquecer a vida de pessoas casadas. São relacionamentos extraconjugais que acontecem em alguma etapa da vida de um indivíduo casado, trazendo-lhe uma vivência enriquecedora de muita intensidade. Quando mantidos no espaço privativo, podem ter um efeito bastante positivo para o homem ou para a mulher, sem necessariamente levar a uma crise conjugal. Mas podem acarretar em fortes emoções quando descobertos.
- Outros relacionamentos, trilham um caminho oposto: são relações que se desenvolvem em contextos muito complicados, e que deixam um rastro de destrutividade. São casos carregados de passionalidade agressiva e doentia, que determina intensos conflitos, muito sofrimento e dor. São esses tipos de relacionamentos que fundamentam muitas das crenças negativas sobre os casos extraconjugais, e que estão na base de todos os preconceitos que permeiam esse assunto, incluindo violência conjugal, ameaças de toda ordem, comportamentos destrutivos e crimes passionais.
- Alguns relacionamentos extraconjugais cumprem uma função importante para o casamento: desencadeiam uma crise conjugal, oferecendo uma oportunidade de crescimento. Isso acontece quando se rompe o segredo que costuma cercar essas relações, fazendo com que sejam expostas as mazelas das relações conjugais, as mágoas, os ressentimentos e as profundas insatisfações de cada cônjuge. Quando existe uma base de amor ainda preservada, essas crises podem levar a uma revisão do relacionamento, determinando uma melhora na qualidade da vida amorosa do casal.
- Existem situações em que a generosidade supera a paixão extraconjugal, o cônjuge envolvido renuncia ao caso para proteger o casamento ou para não magoar alguns dos envolvidos na situação.
- Um outro caminho possível é o relacionamento extraconjugal desembocar em uma nova relação, após enfrentarem as dores e complicações do encerramento de seus casamentos. Para que se tenha sucesso no novo

relacionamento, é fundamental que haja uma separação bem elaborada dos casamentos anteriores, para que os fantasmas dos relacionamentos passados não venham atormentar o novo casal. Essas transições sempre implicam no enfrentamento com alguns dilemas e necessariamente muitas vivências dolorosas.

Apesar dos preconceitos e das avaliações moralistas, nem sempre relações extraconjugais são um problema, podendo em muitos casos, ser uma solução sadia para um ou ambos cônjuges envolvidos em casamentos insatisfatórios. (PRADO, 2009 p.406)

2.2 Pesquisas sobre infidelidade virtual

As pesquisas sobre infidelidade levam a questionar quais procedimentos seriam os mais adequados para se obter uma amostragem fidedigna de dados, pois esse assunto mobiliza sentimentos de vergonha, dor ou mesmo receio de ser descoberto pelo outro. Não se pode esquecer que a infidelidade implica em segredo, e sua revelação provoca consequências no vínculo conjugal.

Haack e Falcke (2013) apontam que existe uma necessidade de novas pesquisas qualitativas que investiguem essa temática, pois a infidelidade virtual aparece, muitas vezes, como meio de viabilizar um encontro extraconjugal presencial. Em sua investigação sobre relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela internet, percebeu-se que os sujeitos que se relacionam dessa forma são mais infiéis do que aqueles que se relacionam pessoalmente. Tal fato se justifica pela facilidade em iniciar e finalizar tal relação.

Santos e Santos (2016) realizaram uma revisão integrativa de publicações nacionais sobre a infidelidade. Alertam para o fato de que no contexto da internet, nem sempre a relação virtual se concretiza no encontro físico, sendo importante o contrato estabelecido entre o casal para o que compreendem enquanto um ato de infidelidade. Pois para algumas pessoas o flerte virtual já se configura uma traição, enquanto para outras, a mesma só se configura em meio físico, no toque, nas relações sexuais, beijos, entre outros contatos físicos.

Martins (2012) realizou uma pesquisa com 494 participantes - 156 homens e 338 mulheres, com idade média de 23 anos, para avaliar as diferenças de gênero nos motivos para a infidelidade, *online* e *off-line*, durante o namoro. O motivo mais

reportado pelos homens para a infidelidade foi a oportunidade que surgiu. Enquanto para as mulheres foi a infelicidade na relação. Não houve diferenças significativas em gênero para a infidelidade *online* e *off-line*: 63% dos homens e 56,5% das mulheres relataram infidelidade *off-line*, enquanto 46,2% homens e 39,3% das mulheres revelaram infidelidades *online*.

Whitty (2003) investigou, com 1.117 participantes, de 17 a 70 anos, quais seriam os potenciais atos de infidelidade *online*. Verificou não haver diferença entre infidelidade *online* e *off-line*, pois ambas são reais. Observou que as comunicações eróticas virtuais poderiam representar uma ameaça real para os casais. Nesse mesmo estudo constatou-se que os atos sexuais representam uma maior ameaça do que a visualização da pornografia, levantando a hipótese de que talvez não seja uma imagem de nudez ou masturbação que caracterize a infidelidade, mas a ideia de que o parceiro deseja outro, ou está buscando um encontro com outro indivíduo, quebrando a exclusividade. Conclui que o sexo cibernético e os hot-chats (bate papos sexuais) são mais ameaçadores que a pornografia (WHITTY, 2003).

Goldenberg realizou um levantamento sobre intimidade, o qual revelou que as mulheres reclamam não ter intimidade com seus parceiros, enquanto os homens consideram-na presente nas relações. Para as mulheres, a intimidade é descrita como uma maneira particular de estar junto, conversar, escutar, compartilhar o silêncio, um nível profundo de comunicação psicológica e emocional. Para os homens, a intimidade significa compartilhar momentos íntimos, como fazer sexo, beijar, trocar carinhos e ficar nu, é a intimidade corporal, sexual e física, objetiva para os homens e subjetiva para as mulheres. A escuta clínica permite observar que a intimidade está sendo conquistada por homens e mulheres na internet, onde as confidências trocadas permitem um desvelamento só permitido no virtual, passando a acreditar que, realmente, encontraram alguém que os compreende (GOLDENBERG, 2010)

O sentimento de frustração e insatisfação frente à idealização da relação amorosa predispõe os cônjuges a vulnerabilidades, que podem desembocar na infidelidade. Pasini faz uma crítica à sociedade egocêntrica e narcisista em que vivemos, na qual o desejo da pessoa prevalece sobre o(s) do(s) outros, e onde todo desejo deve ser satisfeito de forma imediata. Entende que a cultura erotizada transforma a sexualidade feliz em um dever, como consequência a infidelidade

difunde-se como uma busca obrigatória de felicidade, a visão idealizada fomenta grandes expectativas em relação ao casamento, e a frustração é inevitável. O autor questiona se o sexo é amigo ou inimigo do casal. Na sexualidade amiga existe empatia sexual, sendo a relação construída pela sedução intraconjugal, base de um amor duradouro. O casal feliz tem uma fidelidade ativa, alimentada dia a dia com pequenas atenções, que se tornam pequenos atos de sedução. A fidelidade passiva está ligada ao hábito, aos filhos e a interesses econômicos (PASINI, 2010).

Segundo esse autor, as causas da traição são facilmente compreendidas: insatisfação conjugal, existência de outro amor; ainda existe amor, mas não paixão; tédio, represália, sexo, transgressão, medo da velhice, reforço da identidade; medo da intimidade; desejo de ternura; e, psicanaliticamente, a realização do Complexo de Édipo – encontrar o parceiro perfeito; para ter duas pessoas em vez de uma.

2.3 Dez mitos sobre a infidelidade

Zerbini (2014), descreve os dez mitos sobre infidelidade listados pelo Psiquiatra Scott Haltzman, discutindo-os com uma visão ampla:

- **A maioria das pessoas que traem estava à procura de um caso** – A grande maioria dos envolvidos não queria se envolver com outra pessoa, a infidelidade geralmente começa com uma amizade, seguida por intimidade, que acaba como um encontro amoroso.
- **A maioria das pessoas busca alguém mais jovem ou mais atraente** – Em alguns casos isso pode acontecer, mas geralmente os amantes não são mais jovens, mais ricos ou mais atraentes que o parceiro.
- **Um caso significa o fim de um casamento** – Mais de 50% dos casamentos sobrevivem à infidelidade. Muitos casais se surpreendem ao perceber que podem permanecer juntos.
- **Uma vez traidor, sempre traidor** – Nem sempre é assim, pois muitas pessoas traíram apenas uma vez. O caso pode trazer estabilidade ou significar um balde de água fria para a relação.
- **O caso aconteceu porque há algo de errado com o casamento** – A verdade é que todo casamento tem algo errado. Um caso pode significar que

o casal não sabe lidar com algumas questões. Mas problemas conjugais não justificam infidelidade.

- **Casos sempre tem propósitos sexuais** – Na maioria dos casos o que ocorre é a busca por uma conexão emocional com o outro. O senso de proximidade possivelmente leva ao sexo, mas, necessariamente, não era a primeira intenção do traidor.
- **Se não há sexo não há caso** – Muitos casos ocorrem sem sexo. Interagir intimamente, falando de pensamentos e sentimentos mais íntimos, para alguém é um tipo de traição. O envolvido pode não achar que é traição, mas certamente seu parceiro o considerará como tal.
- **Traições não tem a ver apenas com sexo, mas com outros problemas conjugais** – Assim como o mito da infidelidade somente pelo sexo, este é o mito do envolvimento somente pelo afeto. Para algumas pessoas, o envolvimento restringe-se a sair e ir para a cama.
- **Pessoas que traem são infelizes no casamento** – Em recente pesquisa com pessoas que afirmaram ter um caso, 56% dos homens e 34% das mulheres disseram ser felizes em seus casamentos. A maioria respondeu que não gostaria de se separar do cônjuge.
- **Um casal não pode ser feliz novamente depois de uma traição** – As pessoas não costumam falar de traição com amigos ou vizinhos, por isso não são ouvidas histórias de sucesso. Contudo, muitos casais podem aprender a reconstruir seus relacionamentos, às vezes de maneira mais fortalecida do que antes da traição.

Todos esses mitos aplicam-se à nossa realidade, corroborando com as frases ouvidas na clínica. Esses mitos dificultam o processo de elaboração da infidelidade pelos casais. Ao se falar de infidelidade virtual, deve-se ampliar as lentes para o desejo/busca da infidelidade, pois ela sempre esteve presente nos relacionamentos conjugais ao longo da história humana. O que se tem hoje é a inovação das ferramentas que permitem transgressões mais sutis e sofisticadas no ambiente virtual (ZERBINI, 2014).

2.4 Impactos da infidelidade na relação conjugal

Costa e Cenci (2017) respaldando-se nas pesquisas de Mendonça (2009) afirmam que a infidelidade ocorre dentro de muitos relacionamentos sem causar espanto para os envolvidos, devido aos indicativos de que o casamento já apresentava problemas. A infidelidade seria um sintoma da relação conjugal e norma vigente da cultura machista, não sendo uma falha individual.

No entanto, Sattler (2017) afirma que a infidelidade tende a exercer um forte impacto sobre o casal, há sentimentos de ansiedade, depressão, ideação suicida, impotência e abandono, bem como sintomas semelhantes aos de pessoas que apresentam transtorno do estresse pós-traumático. Naqueles que foram infiéis aos seus companheiros, por outro lado, também se identificou ansiedade, depressão e ideação suicida, em especial quando a descoberta da infidelidade ameaçou a continuidade do casamento, ou efetivamente levou à separação

Para Pittman (1998) a infidelidade é considerada um ato contra o casamento. Diante de uma traição, rompem-se os acordos conjugais, específicos para cada casal. É avaliada como um comportamento atípico, sinaliza problemas, é perigosa, pode destruir relacionamentos e, comumente, alimenta-se de segredos que serão ameaçados por sua exposição. Almeida (2007) afirma que se o esforço conjugal para resgatar a relação for maior que a crise, haverá oportunidade para redefinir o contrato conjugal e estabelecer uma relação satisfatória com felicidade e intimidade.

2.5 Infidelidade e Terapia de Casal e Família

Numa visão sistêmica, na maior parte dos casos, as relações amorosas são tentativas sempre renovadas de mudança, que se articulam por diferentes pontos e seguem por caminhos diversos em busca de melhor equilíbrio e qualidade de vida. Relações são como sociedades, cada parceiro é responsável por sua parte nela. Os indivíduos que não assumem sua parte de responsabilidade nas relações tendem a sempre culpar o outro por qualquer problema que ocorra, isso é um indicativo de disfuncionalidade nos casos amorosos (PRADO,2009)

O mesmo autor afirma que relações extraconjugais estão no centro de muitos conflitos conjugais e de problemas familiares. Essas relações frutificam nos espaços

de desencontros, dos conflitos, dos distanciamentos ou das insatisfações conjugais e perduram em função da incapacidade dos cônjuges enfrentarem suas dificuldades e resolverem seus relacionamentos por meio do diálogo construtivo.

Esther Perel, em seu livro “Casos e Casos: repensando a infidelidade” faz uma crítica em relação à abordagem tradicional, a qual estipula que os terapeutas de casais não podem manter as coisas sobre sigilo e, para que a terapia seja produtiva, o infiel tem de terminar o caso ou confessar tudo. Do contrário, deve ser encaminhado a terapia individual (PEREL, 2018). Essa autora ainda cita os terapeutas Janis Abrahms Spring e Michele Scheeinkman, os quais passaram a desafiar a abordagem tradicional em torno dos segredos, afirmando que tal abordagem é inútil, limitante e até nociva. Ambos fazem uma advertência contra a revelação gratuita citando a dor desnecessária imposta ao parceiro e o dano ao relacionamento. Perel, influenciada por Spring, defende a política dos segredos abertos, mencionando que no início da terapia deve ser feito um acordo com o casal, informando que os atendimentos serão realizados, tanto individual, como juntos e que as sessões individuais serão mantidas em sigilo. Nesse caso, o casal tem de concordar com isso. Assim como Spring, Perel vê a decisão de revelar ou não como parte da terapia em si, não como pré-condição para a terapia (PEREL, 2018). Como terapeuta de casal, penso ser o melhor caminho a seguir.

O entendimento da infidelidade requer um olhar sistêmico, que consiga abranger a história do casal e da família, suas crenças e seus padrões relacionais. O terapeuta precisa ser capaz de criar um ambiente de compreensão mútua que possibilite as mudanças desejadas pelos cônjuges (SATTLER, TAVARES, SILVA, 2017).

Corroboro com o pensamento de Prado:

Como terapeutas, devemos deixar de lado nossos preconceitos e nossas crenças negativas para podermos ajudar, com isenção e competência, os indivíduos e casais envolvidos em relacionamentos extraconjugais. Essas relações são um dos mais complexos desafios da vida humana, devendo ser muito bem avaliadas[...]a natureza clandestina desses relacionamentos faz com que as pessoas fiquem muito sozinhas, não podendo discutir a questão com seus familiares ou nem mesmo com seus melhores amigos, tornando-se o terapeuta a primeira pessoa com quem repartem seu segredo. Acolher com profundo respeito essas revelações e trabalhar com muito cuidado, ajudando essas pessoas a fazerem uma avaliação profunda e completa de seus relacionamentos e a tomarem a decisão mais adequada a respeito deles, eis nosso maior desafio como terapeutas, porque, na verdade, estamos sempre tratando do tema mais delicado e complexo da

vida humana – as relações amorosas em sua maravilhosa diversidade, nas quais os seres humanos expressam todos as suas múltiplas facetas. (PRADO, 2009, p.415)

CAPÍTULO 3 – MÉTODO

Para realização desse estudo foi utilizada a seguinte metodologia, realizou-se uma pesquisa de natureza quali-quantitativa, tipo *Survey*. É o tipo de pesquisa que visa determinar informações sobre práticas ou opiniões atuais de uma população específica. Além de apresentar as mesmas questões para todas as pessoas garante o anonimato. Objetivou-se investigar a relação entre o relacionamento conjugal e a infidelidade virtual e quantificar as respostas dos participantes de acordo com o tempo de união estável, idade, quantidade e idade dos filhos, sexo, escolaridade e região onde residem.

3.1 Participantes

A pesquisa foi realizada via internet, em grupo do facebook. Os participantes são indivíduos heterossexuais, que estiveram ou estão em união estável, por no mínimo seis meses, com idade entre 18 e 60 anos. Esses critérios foram estabelecidos apenas para facilitar a análise dos resultados e diminuir as variáveis que poderiam dificultar a coleta dos dados.

3.2 Instrumentos

A ferramenta utilizada para coleta de dados foi um questionário *online*, sobre o assunto. (Apêndice A)

3.3 Procedimentos

Foi colocado nas redes sociais um convite explicando o interesse da pesquisadora sobre o assunto da infidelidade virtual e os critérios de aceitação. Os sujeitos que aceitaram participar da pesquisa não foram identificados; neste caso dispensa-se o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B). O questionário foi feito na plataforma do Google e divulgado nos meios de comunicação eletrônicos.

3.4 Análise dos Dados

A análise foi feita pela avaliação das porcentagens de respostas dadas pelos 104 participantes, buscando-se estabelecer as relações de significado possíveis com base nos aportes teóricos sobre o tema.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

104 respostas

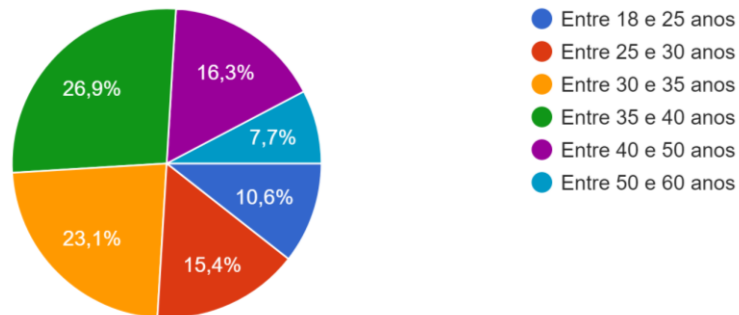


Gráfico 1 – Caracterização dos participantes quanto à idade

A maioria dos participantes enquadrou-se entre 30 e 40 anos. É a população representante da geração pós-revolução sexual dos anos de 1960 que, como já foi visto anteriormente, mudou o significado tradicional do casamento. Os modos como se davam as relações no âmbito do casamento começaram a ser questionados, emergindo a possibilidade de separação e divórcio, abrindo caminho para novas formas de conjugalidade, como recasamento e coabitação (OZÓRIO et al 2017). A maior porcentagem de participantes encontrou-se na faixa etária entre 35 e 40 anos (26,9%) e entre 30 e 35 anos (23,1%). Chama a atenção a porcentagem 7,7% de respostas entre 50 e 60 anos, uma população menos pesquisada sobre o assunto.

104 respostas

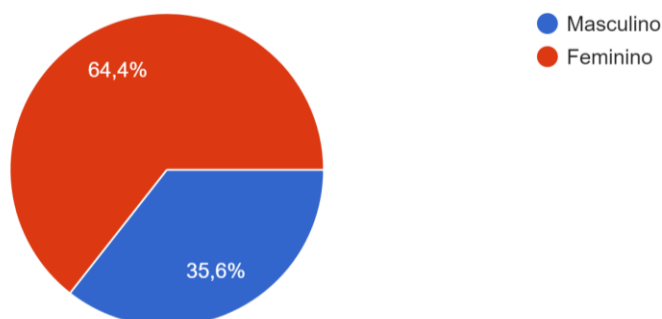


Gráfico 2 – Caracterização dos participantes quanto ao sexo

Em relação ao sexo, foi possível notar que as mulheres aderiram à pesquisa com mais facilidade, pois 64,4% dos participantes eram do sexo feminino, enquanto

apenas 35,6% eram do sexo masculino. Praticamente, houve uma “caça” aos homens nas redes sociais; muitas pessoas pediram para que os amigos, homens, participassem da pesquisa. Isso corrobora a afirmação de Perel (2018), que a coleta de dados é dificultada pelo simples fato de que no que diz respeito a sexo, as pessoas mentem ou evitam responder, sobretudo, sobre sexo que não deveriam estar fazendo. Mesmo sob o manto do anonimato, estereótipos de gêneros persistem. Seria interessante saber os motivos pelos quais os homens “fogem” desse tipo de pesquisa e que narrativas elas teriam. No entanto, esse não é o objetivo desta pesquisa.

104 respostas

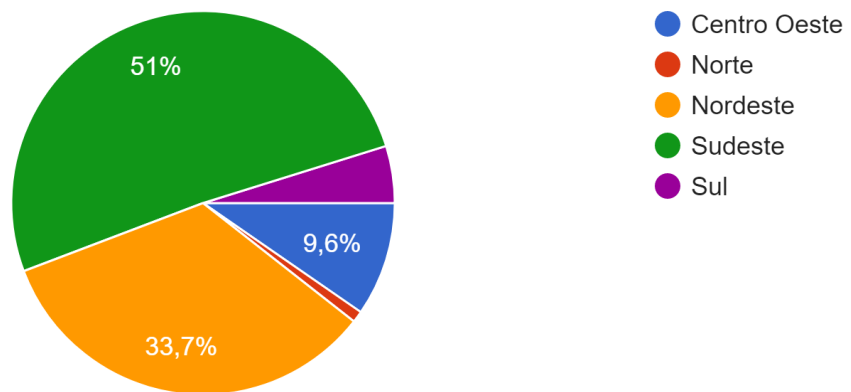


Gráfico 3 – Caracterização dos participantes quanto à sua origem.

As regiões Sudeste e Nordeste apareceram com a maior pontuação de respostas. Provavelmente pelo fato da pesquisadora ser do Nordeste, e morar atualmente no Sudeste, o que influenciou na divulgação da pesquisa feita a partir de sua rede social.

104 respostas

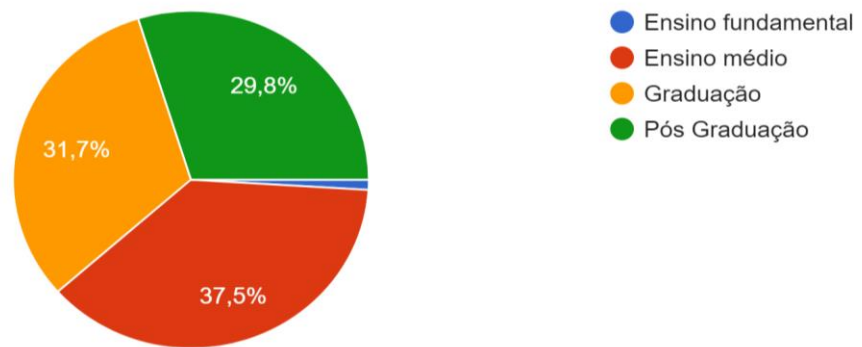


Gráfico 4 – Caracterização dos participantes quanto à escolaridade

Em relação à escolaridade, 37,5% os participantes possuíam o Ensino Médio, 31,7% - Graduação; 29,8% - Pós-graduação e apenas 1% Ensino Fundamental. Trata-se de uma amostra com bom nível educacional predominando pessoas de nível médio e superior apresentando essas últimas, pequena diferença em relação àquelas. Portanto, com mais familiaridade com os meios digitais como atestou a quase ausência de pessoas com Ensino Fundamental.

104 respostas

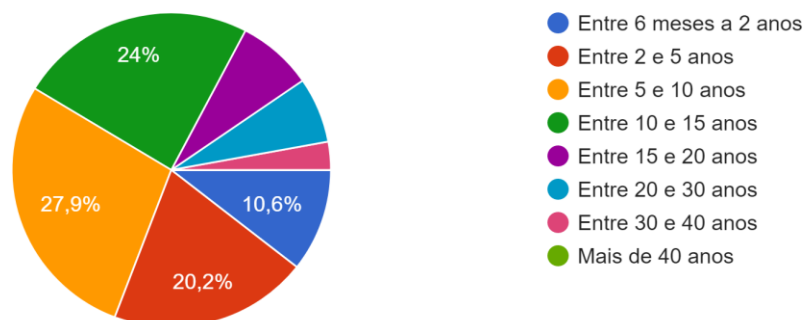


Gráfico 5 – Caracterização dos participantes quanto ao tempo de permanência na união conjugal

Em relação ao tempo de conjugalidade, a maioria tem entre 2 e 15 anos de união. 27,9% tem entre 5 e 10 anos de união; 24% entre 10 e 15 anos e 20,2% entre 2 e 5 anos. As porcentagens obtidas confirmaram os pontos críticos em uma relação

conjugal descritos por Macedo (2006 apud Brown, 1999) que são; no início do casamento, quando os parceiros estão na fase de construção da conjugalidade, do compromisso com a parceria conjugal e da intimidade; após o nascimento de filhos, em geral, o primeiro ou segundo quando a função materna adquire o centro da vida da mulher, promovendo uma diferença na intimidade do casal pelas exigências das funções maternas, muitas vezes, difíceis de conciliar com a função de mulher no casal; quando surge o sentimento de que o outro não pode satisfazer a imagem idealizada, não importa o que ele tente fazer.

104 respostas

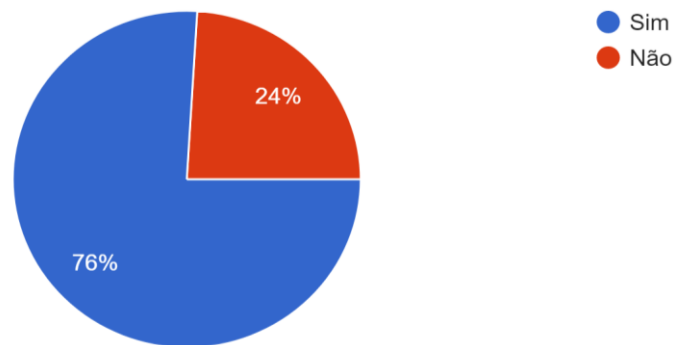


Gráfico 6 – Caracterização dos participantes quanto à existência ou não de filhos

76% dos participantes relataram que tinham filhos e apenas 24% não tinham.

104 respostas

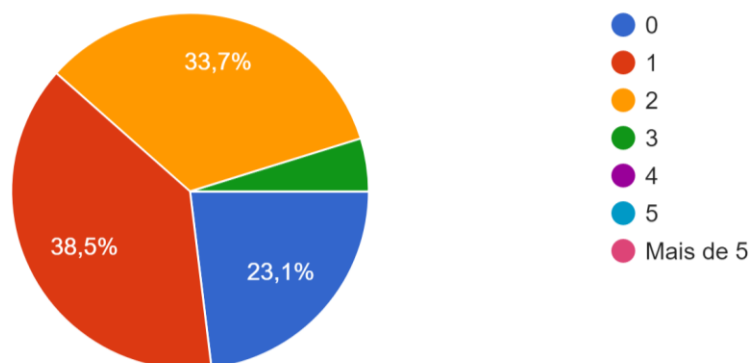


Gráfico 7 – Caracterização dos participantes quanto ao número de filhos

Observou-se que a quantidade de filhos é menor em comparação aos casamentos de antigamente: 38,5% possuíam apenas um filho; 33,7% dois filhos; 23,1% não tinham filhos e 4,7 % tinham três filhos. Parece que o fato de ter ou não filhos não impede o uso dos meios digitais.

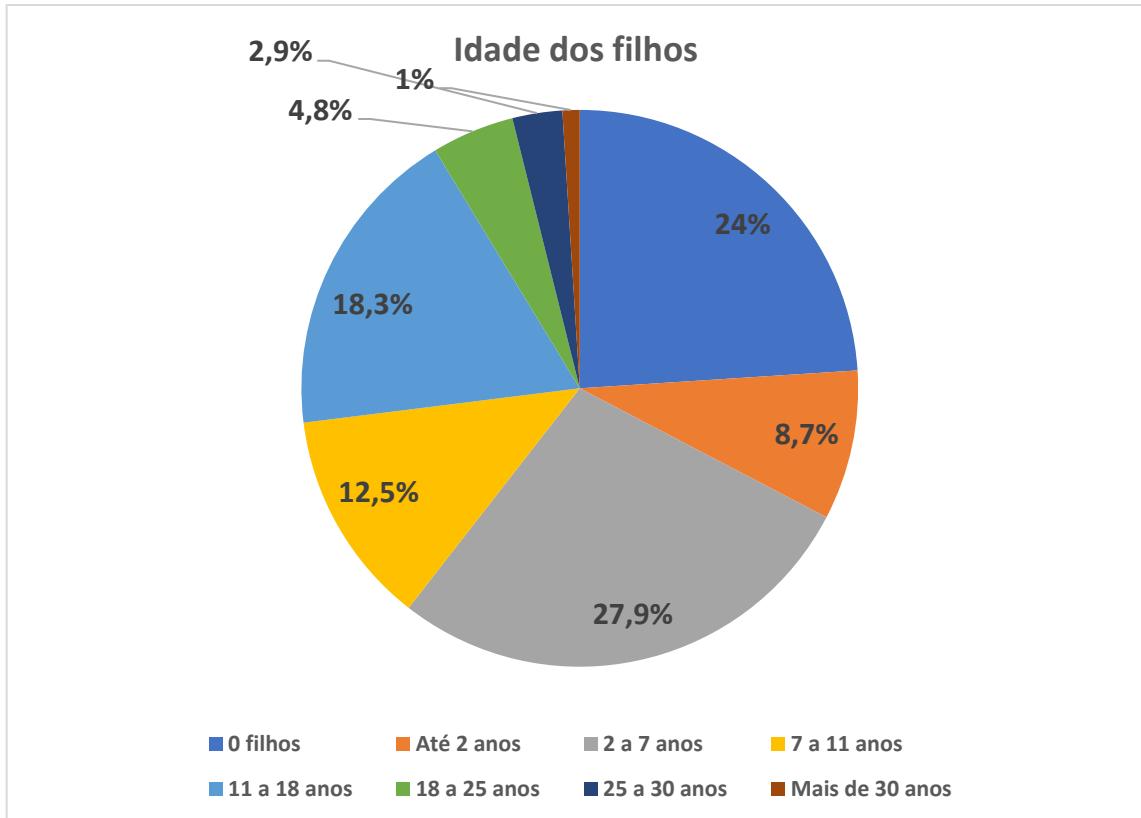


Gráfico 8 – Caracterização dos participantes quanto à idade dos filhos

Em relação à idade dos filhos, 24% dos participantes declararam não ter filhos; 27,9% entre 2 a 7 anos; 18,3% entre 11 a 18 anos; 12,5% entre 7 a 11 anos. 8,7% até 2 anos de idade. Nesse caso, a maioria dos filhos possuíam entre 2 a 18 anos. O que coincide com a fase de aquisição, descrita por Cerveny (1997) como o período da união do casal até a entrada dos filhos na adolescência.

O maior número de aquisições está nessa primeira fase: nascimento da família, chegada dos filhos, aquisição de patrimônio, crescimento profissional, educação dos filhos, entrada dos filhos na escola, organização do novo sistema, novos papéis, renegociação de valores e regras, construindo um modelo particular de família que desejam construir. Como já visto, segundo Macedo (2006) as fases do ciclo vital, com suas crises esperadas em virtude das tarefas emocionais e sociais

que implicam, são tomadas como referência para marcar momentos de fragilidade que favorecem o aparecimento de casos extraconjugais, sejam reais ou virtuais. Momentos de crises provavelmente têm uma influência maior na busca dos meios digitais, que servem como válvulas de escape para situações de tensão.

Na tarefa de compreensão do impacto da internet na relação conjugal, foram analisados e discutidos os significados atribuídos pelos participantes à infidelidade, a partir das sete questões específicas sobre o tema, investigadas no questionário.

O que é infidelidade para você?

Para analisar as respostas para essa pergunta foi feita uma tabulação com os temas que mais apareceram: confiança; respeito; caráter; quebra de contrato; intimidade.

“Quando a pessoa quebra a confiança da outra com determinados comportamentos, que podem envolver elos amorosos, beijos, sexo, interesse nos outros”.

“É quando o parceiro se envolve com outros tanto presencial quanto virtualmente, desrespeitando seu cônjuge”.

“É quando um terceiro entra na relação sem ter sido ponderado por ambos do casal, representando uma ameaça ao contrato de monogamia estabelecido previamente”.

De acordo com as respostas dadas verificou-se que para a maioria dos participantes, infidelidade é a quebra do contrato de exclusividade conjugal seguida por qualquer forma de relação mesmo que não haja reciprocidade com um terceiro. No entanto, não se pode desconsiderar outras respostas que apareceram com menor frequência como:

- ✓ *Não existe infidelidade e sim fim do amor;*
- ✓ *Infidelidade é guardar segredos;*
- ✓ *É safadeza;*
- ✓ *É qualquer tipo de intenção de traição.*

Creio que mais importante do que entender o que é infidelidade para as pessoas, é entender o que é infidelidade para cada casal. O fato de saber o que as pessoas entendem por infidelidade não faz sentido quando não se leva em consideração o que os parceiros pensam a respeito. Como menciona Macedo (2006), os casais geralmente têm seu próprio sistema de regras sobre o que é ou não considerado infidelidade. E é isso que nós, terapeutas de casal, precisamos levar em consideração.

Em relação à segunda questão sobre infidelidade, o gráfico que segue mostra o que cada um considera como infidelidade virtual.

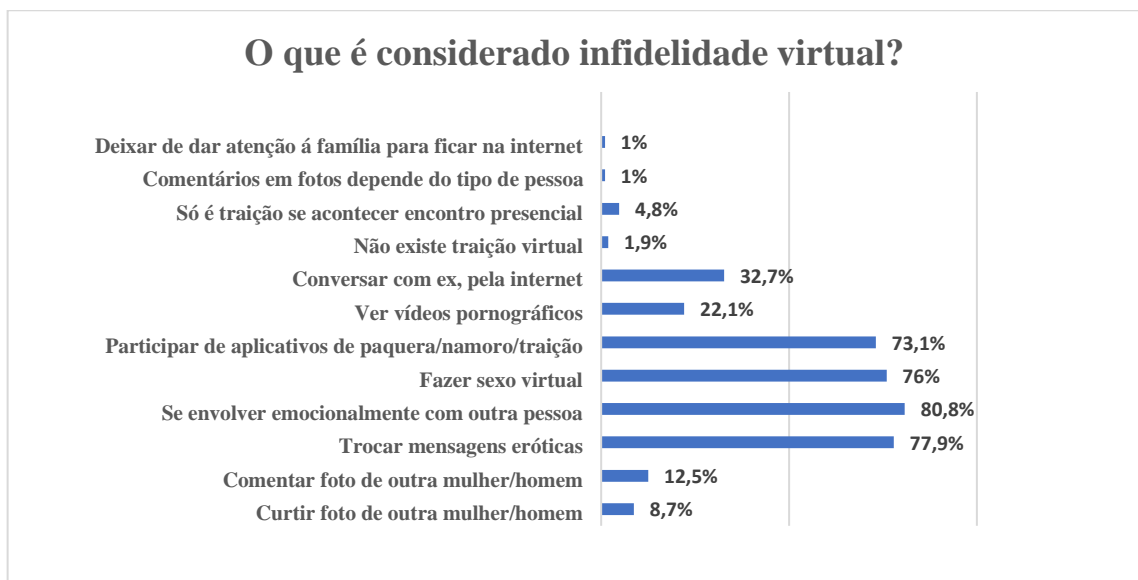


Gráfico 9 - O que é considerado infidelidade virtual?

A infidelidade sempre existiu, o que mudou foi a forma como ela acontece. Antigamente era comum as pessoas saírem de casa para ter um caso. Atualmente, com os avanços tecnológicos, as pessoas podem fazer isso a partir de casa, muitas vezes, ao lado da (o) parceira (o). O questionamento de Perel (2018) sobre qual seria hoje o conceito de infidelidade virtual, motivou a busca por respostas.

Observou-se que para a maioria dos participantes da pesquisa o que é considerado infidelidade virtual seria: envolver-se emocionalmente com outra pessoa, pela internet (80,8%); trocar mensagens eróticas (77,9%); fazer sexo virtual, (76%); participar de aplicativos de paquera/namoro/traição (73,1%). Em sequência

aparece: conversar com ex-namorado(a) / parceiro(a), pela internet (32,7%); ver vídeos pornográficos (22,1%); bater papo com outra pessoa (21,2%); comentar foto de outra mulher/homem (12,5%); curtir foto de outra mulher/homem (8,7%); Para 4,8% só é traição se acontecer encontro presencial. Para 1,9% não existe traição virtual; 1% respondeu que comentários em fotos depende do tipo de pessoa para ser considerado ou não infidelidade, 1% alegou que deixar de dar atenção à família para ficar na internet é considerado infidelidade.

Para se analisar e discutir em que medida a descoberta da infidelidade virtual é responsável pela dissolução da relação conjugal, 4 das questões apresentadas no questionário foram agrupadas.

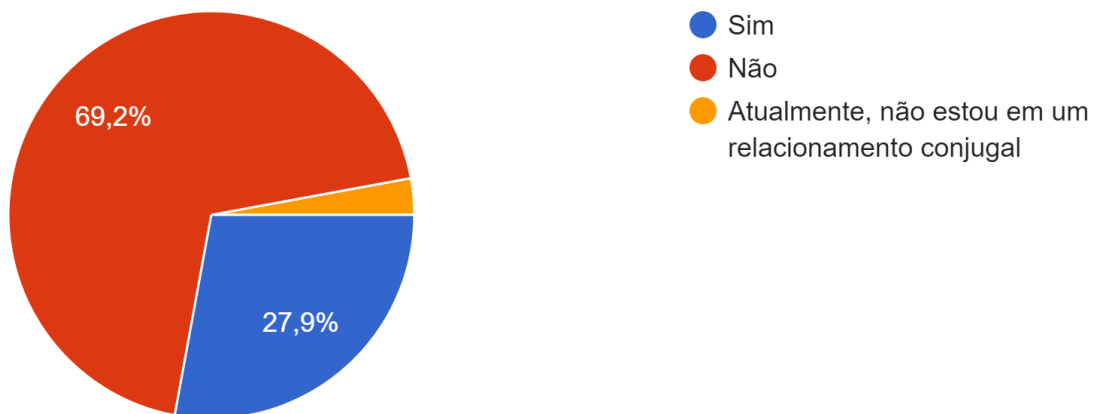


Gráfico 10 - Você já foi infiel na relação atual?

Verificou-se que 69,2% dos participantes disseram ser fieis ao relacionamento atual; 27,9% relataram ter sido infiel e 2,9% apontaram não estar em um relacionamento conjugal.

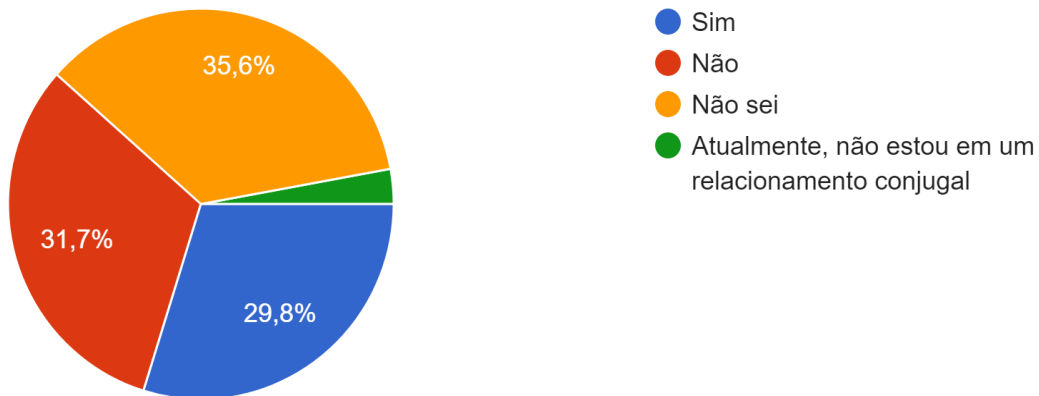


Gráfico 11 – Você já foi traída (o) na relação atual?

Os dados são consistentes quanto a trair e ser traído (27,9% e 29,8% respectivamente), conforme o gráfico anterior. Nota-se uma posição cuidadosa em relação a saber se foi traído (a) ou não (35,6%). Não se pode descartar a dificuldade em admitir ter sido traído (a).

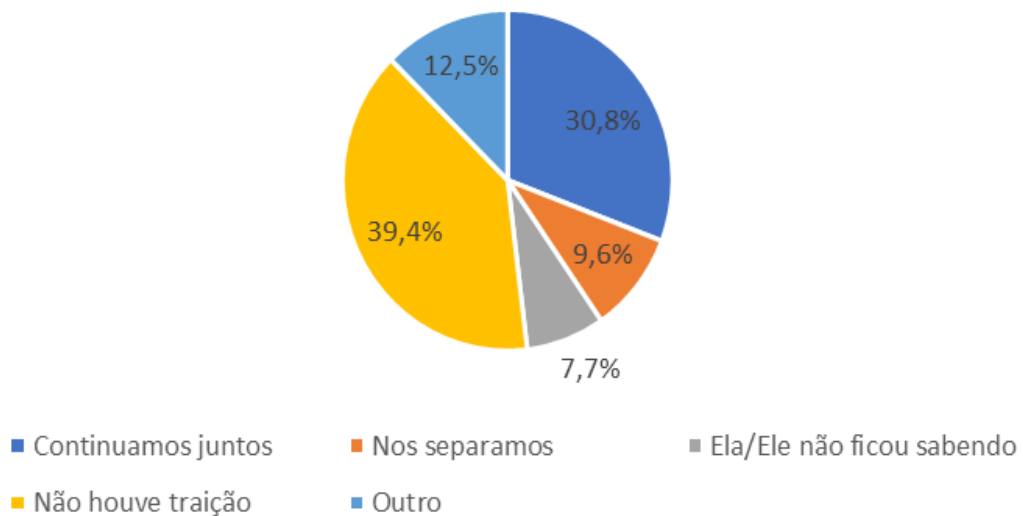


Gráfico 12 – Como ficou a relação conjugal após a traição virtual?

Quando questionados sobre como ficou a relação conjugal após a traição virtual, 39,4% disse que não houve traição; 30,8% continuaram juntos, 7,7% apontaram que ela(e) não ficou sabendo e apenas 9,6% se separaram. A proporção entre os que negaram ter havido traição e os que afirmam ter ficado juntos é equivalente enquanto uma menor porcentagem afirma ter se separado. 12,5 % da amostra deu respostas evasivas, indicando a dificuldade das pessoas se

posicionarem quanto a este tema. Por outro lado, chama a atenção a afirmação de que houve traição, mas o(a) parceiro(a) não ficou sabendo, impossibilitando uma resposta satisfatória à questão.

Os dados confirmam que a descoberta da infidelidade virtual não é, necessariamente, responsável pela dissolução da relação conjugal. 30,8% dos participantes que vivenciaram essa experiência permaneceram juntos. Um dos mitos envolvendo a infidelidade, descrito por Zerbini (2014), é que um casal não pode ser feliz novamente depois de uma traição. Isso se deve ao fato das pessoas não terem o costume de falar de traição com amigos ou vizinhos, por isso não são ouvidas histórias de sucesso. Contudo, muitos casais podem aprender a reconstruir seus relacionamentos, às vezes, de maneira mais fortalecida que antes da traição.

Perel (2018) traz uma reflexão importante acerca do divórcio, reflete que antigamente, o divórcio carregava todo o estigma. Agora, escolher ficar quando se pode partir é a nova vergonha. As pessoas questionam o amor próprio, como se tivesse que escolher entre si e o parceiro(a). Há momentos em que o divórcio é inevitável, sensato, o melhor desenlace para todos os envolvidos. O risco é de que, em meio à dor e à humilhação a pessoa se precipite e confunda suas reações ao caso com seus sentimentos acerca da relação como um todo.

A pressa em pedir o divórcio não dá espaços para erros, para a fragilidade humana. Tampouco dá espaço para a reparação, a resiliência e a recuperação. Ela afirma que muitos casais continuam juntos, apesar dos casos fora do relacionamento. No entanto, lança alguns questionamentos: Por quanto tempo e sob quais condições? Vão ter a oportunidade de sair mais fortes ou vão enterrar o caso sob uma montanha de vergonha e desconfiança. A maneira como lidam com o caso moldará o futuro da relação e da vida de ambos.

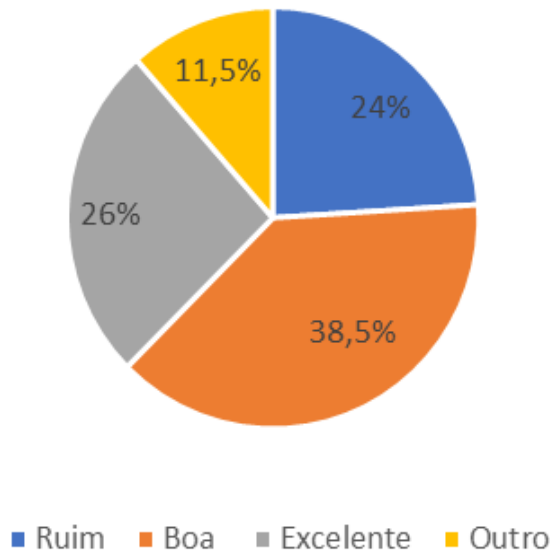


Gráfico 13 – Atualmente, como está a relação conjugal?

Os resultados fazem pensar que, se houve infidelidade ela não interferiu na qualidade do casamento. Porém, nesse caso, deve-se admitir que o questionário não foi suficientemente claro a esse respeito. Da mesma forma, não é possível afirmar que os 24% de relação ruim se deve à infidelidade. Entre a opção “outros” surgiram as seguintes respostas totalizando 11,5%: relação aberta; regular, mas não por motivos de infidelidade; separamos; não houve traição; “indo”; com falta de interesse por parte dela de procurar mais a pessoa; dá mais atenção, carinho; estamos separados; divorciado; estou solteiro; fria; insegura; boa, mas sem confiança; não sei opinar.

Como se pode perceber, as opiniões sobre a qualidade do relacionamento são muito particulares, razão pela qual exigem do terapeuta uma exploração cuidadosa.

Quanto à percepção do próprio participante sobre o impacto da internet em sua relação conjugal, optou-se por juntar 3 outras questões.

Para analisar esse impacto, as respostas foram divididas em três categorias: negativo, positivo e não interfere. Verificou-se que para a maioria das pessoas a internet/celular exerce um impacto negativo na relação conjugal. Os temas que mais apareceram foram: desconfiança; afastamento do casal; falta de tempo para o casal; controle; prejuízo social; brigas por uso incorreto do celular; falta de comunicação entre o casal; insegurança; facilitação da traição; estresse; exposição.

O segundo maior número dos participantes relatou que não interfere, que não possuem segredos; que há confiança na relação; que não trocam a conversa entre o casal pelo celular. Apenas duas pessoas responderam que a internet/celular exerce um impacto positivo, pois facilita a comunicação.

“O ruim é que perdemos muito tempo na internet ao invés de estarmos juntos”.

O afastamento do casal é algo que precisa ser pensado de uma forma ampla. A internet/celular seria a causa do afastamento ou está ocupando um espaço que já estava vago? Sattler, Tavares, Silva, (2017) apoiando-se nos estudos de Andolfi afirmam que a falta de intimidade e o distanciamento emocional podem se mostrar presentes desde o contrato inicial, ou desenvolver-se com o passar dos anos, criando uma cegueira relacional acerca dos sentimentos e das necessidades mútuas, que pode contribuir para situações de infidelidade.

“A depender de como se utiliza, o celular, pode deixar o parceiro inseguro, além de ser um instrumento que facilita a infidelidade”. Na Pós- modernidade é inegável que exista essa facilidade, basta um clique para se conectar com outras pessoas.

“Acredito que a tecnologia facilita a fuga da realidade e atrapalha a comunicação”. Essa fala indica a dificuldade ou incapacidade do casal de enfrentar suas dificuldades e resolver seus relacionamentos por meio do diálogo construtivo (PRADO, 2009, p.402)

“Às vezes atrapalha um pouco a conversa, mas também ajuda quando alguém dos dois tem que viajar”

Aqui, fica claro que o problema não é a tecnologia, e sim a forma como é utilizada. Uma das falas ilustra bem isso: *“A depender de como se utiliza, pode estragar toda a relação construída no decorrer dos anos”.*

“Hoje após "terapeutizar" o assunto, consegui superar”.

Aqui fica evidente o quanto é importante conversar sobre as insatisfações, frustrações e dificuldades enfrentadas na relação. A comunicação entre o casal é de extrema importância. No entanto, precisa ser uma comunicação empática, construtiva e funcional. Muitas pessoas falam que a falta de comunicação atrapalha o casal. No entanto, numa visão sistêmica, é impossível não se comunicar. O que acontece é que existem falhas na comunicação, existe a comunicação verbal e não verbal, que muitas vezes ocorre sem ser percebida. Atualmente, com o uso excessivo de aplicativos de celular aumentou a comunicação não verbal, em geral o que é comumente entendido como comunicação. O que esse comportamento quer dizer? Qual a função que o celular exerce na relação conjugal? O que a maioria das pessoas que participaram da pesquisa está tentando comunicar aos seus parceiros?

Os relatos sobre a questão “Tem algo mais que você queira nos contar sobre sua experiência?” mostraram que a experiência da vivência da infidelidade fixou-se na dificuldade de convivência a dois; na idealização dos parceiros; na frustração diante da realidade conjugal; no distanciamento conjugal; na facilidade proporcionada pela internet para a infidelidade virtual; dificuldade em estabelecer uma relação de confiança; dificuldade em estabelecer uma comunicação funcional; na possibilidade da separação e de buscar a felicidade em outro relacionamento. De acordo com Pasini (2010) o sentimento de frustração e insatisfação frente à idealização da relação amorosa predispõe os cônjuges a vulnerabilidades, que podem desembocar na infidelidade.

“Meu último relacionamento foi muito precoce, com menos de um ano passei a morar com a minha noiva, e só na convivência dia a dia que nos conhecemos como realmente somos, eu me iludi achando que ela iria mudar para melhor e fui arrastando o relacionamento até o ponto que entrei em depressão; fiz acompanhamento psicológico de uma excelente profissional e consegui entender que eu apenas alimentava uma ilusão e que o relacionamento estava fazendo mal para ambos. Então nos separamos”.

Essa fala corrobora a afirmação de Zerbin (2014) que se apoia nos estudos de Campbell (1994), de que no início o casal está imbuído em idealizações, pauta-se pelo “deve ser” e não pelo que o outro é realmente. Quando a realidade se impõe e

surgem as diferenças de interesses, o casal pode migrar para a fase seguinte pela negociação das diferenças ou encerrar o relacionamento por não superar a visão idealizada.

Neste sentido, PEREL (2018) faz uma comparação entre as gerações. As gerações anteriores aprendiam que a vida impõe sacrifícios. A geração atual rejeita obstinadamente a frustração. Em um mundo de opções infinitas, está-se sempre à procura de algo melhor. A autora afirma que não são os desejos que são diferentes hoje em dia, mas o fato de se ter a sensação de que se merece persegui-los e concretizá-los. O dever principal das pessoas agora é para com elas mesmas, mesmo que às custas de quem amam.

“Durante o primeiro casamento sempre fui traída, desde o início sabia e esperava o milagre que ele mudasse, esperei 13 anos quando percebi que isso sempre iria acontecer; acordei para vida, estudei, trabalhei e fui em busca da minha felicidade”.

Essa fala ilustra o que Campbell (1994) descreve como o segundo estágio do ciclo de vida do sistema conjugal: As lutas sobre o poder. A ilusão de unidade é substituída pelo desencanto da desunião. A luta pelo poder pode transformar-se em uma tentativa de moldar o outro; o obstáculo a ser superado é a ilusão do poder. A luta chega ao fim quando se deixa de colocar no outro expectativas e desejos e passa-se a viver a vida a dois pautada na realidade.

“Dei uma chance para meu marido, mas infelizmente acabei de descobrir uma nova traição”.

Quando uma segunda infidelidade acontece, as pessoas costumam dizer que: *“quem trai uma vez, trai sempre”*, como se fosse a confirmação de uma falha de caráter. Mas, às vezes, o que acontece é que a questão principal nunca foi encarada. Focar na infidelidade nos distrai muito facilmente das questões disfuncionais que há por trás delas (PEREL, 2018).

“Acredito que por vivermos em sociedade é muito difícil desfazer essa visão sobre traição e como dói. Eu particularmente só parei de sentir a dor da traição depois que

transei com outro. Hoje em dia não penso tanto no que meu noivo fez. Mas ainda existe a desconfiança”.

Aqui se percebe como o tema da infidelidade é contraditório e controverso, a pessoa traída, trai como forma de vingança “paga com a mesma moeda”. Como se equiparasse a dor sentida, no entanto, a desconfiança permanece. Aparentemente, o casal não usou a crise para tentar resolver as questões que poderiam estar encobertas. O segredo apenas mudou de lado, e quando esse segredo vir à tona, se vier? O que pode acontecer? O diálogo é parte fundamental para entender, compreender, superar e talvez, perdoar. A forma como se tenta resolver um problema pode causar outros, ainda maiores.

“Às vezes vivemos tão virtual que acabamos esquecendo do presente”.

Essa fala vai de encontro ao que Mussi (2006) afirma, que pela facilitação e possibilidades proporcionadas pelas máquinas, as pessoas vivem tão intensamente sua vida virtual, que chegam a negligenciar sua vida presencial

“Tive um relacionamento de dez anos que estava em crise. Eu estava sofrendo muito com a violência psicológica do meu parceiro. Encontrei apoio e esperança em uma pessoa que conheci no Facebook. Criei coragem e dei um fim naquele relacionamento”.

Às vezes, quando se busca o olhar de outro, não é para o parceiro que se vira a cara, mas para o ser humano que a própria pessoa se torna. Não se está exatamente à procura de outro amante, mas de outra versão de nós mesmos (PEREL, 2018).

Para alguns autores, as mudanças sociais abrem espaço para uma visão diferente, mais tolerante de infidelidade, como afirmam Bauman (2003) e Pasini (2010). Foi interessante perceber que dos 104 participantes apenas um deles definiu infidelidade como desrespeito à “relação” a dois. O termo relação pressupõe uma tríade eu, tu e nós.

Pasini (2010) faz uma crítica à sociedade egocêntrica e narcisista em que vivemos, na qual o meu desejo prevalece sobre o do tu e o do nós, onde todo desejo deve ser satisfeito de forma imediata. O sentimento de frustração e insatisfação frente à idealização da relação amorosa predispõe os cônjuges a vulnerabilidades, que podem desembocar na infidelidade.

A análise e discussão simultânea dos resultados possibilitaram uma visão bastante compreensiva da posição dos participantes. Acredito que quando se tem uma visão sistêmica do mundo, das pessoas e de nós mesmos, faz mais sentido ir costurando, tecendo os fios que vão aparecendo e se conectando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois da pesquisa realizada foi possível perceber que mais importante do que quantificar o que é considerado infidelidade virtual é entender como cada casal constrói seu próprio sistema conjugal. Infelizmente, nem todo casal tem consciência de que existe um contrato entre eles, na maioria dos casos esse contrato é implícito e não se conversa sobre ele.

Concordo com Perel (2018) quando afirma que as definições de infidelidade são inseparáveis das histórias que contamos a nós mesmos, e elas se desenvolvem ao longo do tempo. Os casos extraconjugais não são mais como eram porque os casamentos não são mais como antigamente. O casamento sofreu uma reestruturação total, e continua a se transformar diante de nossos olhos.

Para a maioria das pessoas a internet e o celular aparecem como uma ameaça ao relacionamento, e muitos abandonam as redes sociais para evitar conflitos.

Será que a internet é uma ameaça ao relacionamento ou seria um regulador, um termômetro de como está a relação? Quando escuto meus clientes reclamarem que seus parceiros (as) passam muito tempo no celular, eu sempre pergunto qual a função que o celular está exercendo na relação do casal.

Não podemos ser extremistas em relação à tecnologia, a verdade é que ela facilita em muito nossas vidas. Nesse caso, o problema maior está em como nós, humanos, lidamos com as máquinas, com as ferramentas que vieram para facilitar nossas vidas. A internet e o celular muitas vezes servem como fuga, válvula de escape, para fugir de conversas infrutíferas, de críticas intermináveis e de relacionamentos disfuncionais.

Talvez, exerça a função de um terceiro, de um caso extraconjugal. Colombo (2006), afirma que algumas relações extraconjugais contribuem para a estabilidade dos casamentos, funcionando como um fator de equilíbrio homeostático para os sistemas conjugais, de um ou de ambos os parceiros que estejam mantendo um caso extraconjugal, ajudando os indivíduos a sobreviver a seus casamentos frustrantes e insatisfatórios, sem ter a necessidade de enfrentarem seus conflitos ou as dores de uma separação. Será que a internet/celular está exercendo esse papel?

A maioria dos participantes da pesquisa, que vivenciaram a infidelidade virtual, relataram sentimentos de frustração e insatisfação frente à idealização da relação conjugal. Neste sentido, é importante conhecermos as fases do ciclo vital e as crises esperadas, objetivando uma posição compreensiva e cuidadosa. Entendo que em alguns casos a terapia de casal seja fundamental para que ambos consigam enfrentar as dificuldades, equilibrar as expectativas e renegociar o contrato conjugal.

Foi importante perceber que apesar da infidelidade causar muitos prejuízos e sofrimentos, ela não é, necessariamente, responsável pela dissolução da relação conjugal. A maioria das pessoas que vivenciam essa experiência continuam juntas.

Acredito que esse trabalho trouxe muitas informações e reflexões importantes sobre esse tema. Concordo com Perel (2018), quando ela diz que as conversas sobre infidelidade carregadas de críticas, acusações e repreensões impedem qualquer possibilidade de entendimento mais aprofundado e, portanto, de esperança e cura, juntos ou separados. É preciso uma narrativa que crie uma ponte para ajudar as pessoas a lidarem com a experiência multifacetada da infidelidade, os motivos, os significados e as consequências.

Finalizo com uma frase de Esther Perel: “Somente fazendo uma breve viagem rumo ao passado, para vermos as mudanças no amor, no sexo e no casamento no decorrer dos últimos séculos, é que podemos ter uma conversa inteligente sobre a infidelidade moderna”. (2018, p.44)

REFERÊNCIAS

AFONSO, C. M. C. G. **Estilo de vinculação e relações extra-diádicas: Satisfação relacional e atitudes como mediadores**. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) não publicada. Faculdade de Psicologia. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BOWLBY J. Formação e rompimento de vínculos afetivos. In: **Formação e rompimento de laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes; 1997. p.167-208.

CAMPBELL, Susan. **The couple's journey**. Estados Unidos: Impact Publishers, 1994.

CERVENY, C. M. O. et al. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CERVENY, C. M. O. e Berthoud, C. M. E. Ciclo vital da família brasileira. In L. C. Osório e M. E. P. Valle (Orgs.). **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 25-37.

CERVENY, C.M.O; ZERBINI, M.I.S. **Histórias de infidelidade: tecendo lealdades e deslealdades**. Congresso Interamericano de Psicologia. Medellín, Colômbia, 30 jun. 2011.

COLOMBO, Sandra Fedullo. **Gritos e sussurros: interseções e ressonâncias: trabalhando com casais**. São Paulo: Vetor, 2006.

COSTA, Crístofer Batista; CENCI, Cláudia Mara Bosetto. A relação conjugal diante da infidelidade: a perspectiva do homem infiel. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v 18, n 1, p. 19-34, jun. 2014.

FERNANDES, Rodrigo. **Tecnologia é causa de discussão entre 80% dos casais, revela pesquisa**. Publicado em: 14 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2018/04/tecnologia-e-causa-de-discussao-entre-80-dos-casais-revela-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

GOLDENBERG, Miriam. **Intimidade**. São Paulo: Record, 2010.

HAACK, Karla Rafaela; FALCKE, Denise. Infidelid@de.com: infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela Internet **Psicologia em Revista**, [S.l.], v 19, n 2, p. 305-327, nov. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2013v19n2p305/5758>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

JOHNSON, S. M. Introdução ao apego - Um guia terapêutico para lidar com os vínculos primários e sua renovação. In: JOHNSON, S. M. e WHIFFEN, V. E. (Orgs.). **Os processos do apego na terapia de casal e família**. São Paulo: Roca, 2012. p. 03-16.

MACEDO, Rosa Maria Stefanini. Ligações perigosas: a infidelidade no casamento. In: COLOMBO, Sandra Fedullo. **Gritos e sussurros: interseções e ressonâncias: trabalhando com casais**. São Paulo: Vetor, 2006. p.136.

MARTINS, A. F. R. S. **Comportamentos extra-diádicos offline e online nas relações de namoro: diferenças de gênero nos motivos, prevalência e correlatos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.

MUSSI, Marinez Silva. **A interferência da tecnologia da comunicação nas relações conjugais**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Psicologia). Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Brasília, 2006.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Mai-Ago 2002, v 18, n 2, p. 193-202.

OZÓRIO, Claudina Damascena. **Repercussões do casamento dos pais no casamento dos filhos: semelhanças e diferenças**. 2017. 58 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.psi.pucRio.br/site/images/psi_puc/Dissertacoes_2017/Claudina_Damasceno.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

PASINI, W. **Amores Infiéis: psicologia da traição**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

PEREL, Esther. **Casos e casos: repensando a infidelidade**. Trad. Débora Landsberg. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

PITTMAN, F. **Mentiras privadas: A infidelidade e a traição da intimidade**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.

PLATT, R. A. et al. Parental conflict and infidelity as Predictors of Adult Children's Attachment Style and Infidelity. **The American Journal of Family Therapy**, 36, n 2, p.149-161, USA, 2008.

PRADO, L. C. O casamento e as relações extraconjugais. In: OSORIO, L. C. e VALLE, M. E. P. (Eds.). **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009. p. 401-415.

SANTOS, Lais Rocha; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Infidelidade: uma revisão integrativa de publicações nacionais. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v 20, n 2, p. 85-98, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679494X201600020007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 dez. 2018.

SATTLER, Marli Kath; TAVARES, Ana Cristina Costa Nicola; SILVA, Isabela Machado. A infidelidade no relacionamento amoroso: possibilidades no trabalho clínico com casais. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v 21, n 1, p. 162-175, jul. 2017 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 jul. 2017.

STENGEL, M.; SOARES, S. S. D. PESQUISAS NA INTERNET: possibilidades, desafios e implicações éticas. In: MACEDO, Rosa Maria Stefanini; KUBLIKOWSKI, Ida; MORÉ, Carmen Leontina O. Ocampo. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa no contexto da família e comunidade: experiências, desafios e reflexões**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2018, p. 15-24.

VILLELA, Flávia. **O uso dos telefones celulares é mais um recurso, assim como a internet, incorporado no dia a dia dos casais e de algumas famílias**. Publicado em 06 abr.2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-04/celular-e-principal-meio-de-acesso-internet-na-maioria-dos-lares>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

WHITTY, M. T. Pushing the wrong buttons: Men's and women's attitudes towards online and offline infidelity. **CyberPsychology & Behavior**, v 6, n 6, 2003. p. 569-579.

ZANELLO, V. Xingamentos: Entre a ofensa e a erótica. In: **Fazendo Gênero 8 - Corpo Violência e Poder**. Florianópolis, Brasil, 2008.

ZANONATO, Adriana Selene, PRADO, Luiz Carlos. Terapia de casais com enfoque cognitivo-comportamental. p.164-183. In: **Manual de terapia familiar**/ Luiz Carlos Osorio e Maria Elizabeth Pascual do Valle (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2009.

ZERBINI, Maria Irene dos Santos. **Infidelidade: o virtual invade a conjugalidade - o que buscam os usuários de sites de infidelidade**. 2014. 192 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

Idade:

- 18 a 25 anos
- 25 a 30 anos
- 30 a 35 anos
- 35 a 40 anos
- 40 a 50 anos
- 50 a 60 anos

Sexo:

- Masculino
- Feminino

Região do Brasil:

- Centro Oeste
- Norte
- Nordeste
- Sudeste
- Sul

Escolaridade:

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Graduação
- Pós graduação

Religião:

Quanto tempo de casado (a)?

- Entre 6 meses a 2 anos
- Entre 2 e 5 anos
- Entre 5 e 10 anos
- Entre 10 e 15 anos
- Entre 15 e 20 anos
- Entre 20 e 30 anos
- Entre 30 e 40 anos
- Mais de 40 anos

Tem filhos?

- Sim
- Não

Quantos?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Mais de 5

Qual a idade dos filhos?

- 0 a 2 anos
- 2 a 7 anos
- 7 a 11 anos
- 11 a 18 anos
- 18 a 25 anos
- 25 a 30 anos
- 30 a 40 anos
- Mais de 40 anos

O que é infidelidade para você?

O que é considerado infidelidade virtual?

- Bater papo com outra pessoa
- Curtir foto de outra mulher/homem
- Comentar foto de outra mulher/homem
- Trocar mensagens eróticas
- Se envolver emocionalmente com outra pessoa, pela internet.
- Fazer sexo virtual
- Participar de aplicativos de paquera/namoro/traição
- Ver vídeos pornográficos
- Conversar com ex., pela internet
- Não existe traição virtual
- Só é traição se acontecer encontro presencial
- Outros _____

Você já foi infiel na relação atual?

- Sim
- Não

Você já foi traída (o) na relação atual?

- Sim
- Não
- Não sei

Como ficou a relação conjugal após a traição virtual?

- Ela/Ele não ficou sabendo
- Não houve traição
- Nos separamos
- Continuamos juntos

Atualmente, como está a relação conjugal?

- Ruim
- Boa

- Excelente

Na sua visão, qual o impacto da internet ou celular na sua relação conjugal?

Tem algo mais que você queira nos contar sobre sua experiência?

APÊNDICE B

Solicitação de Isenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Referência: Infidelidade Virtual: impactos da internet na relação conjugal

Pesquisador Responsável: Marta Souza Santos

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC.

Vimos por meio deste documento solicitar a dispensa de obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o estudo intitulado, Infidelidade Virtual: impactos da internet na relação conjugal, proposto por Marta Souza Santos.

A dispensa do uso de TCLE se fundamenta: **I)** porque todos os dados serão manejados e analisados de forma anônima, sem identificação nominal dos participantes de pesquisa; **II)** porque os resultados decorrentes do estudo serão apresentados de forma agregada, não permitindo a identificação individual dos participantes, e **III)** porque se trata de um estudo não intervencionista (sem intervenções clínicas) e sem alterações/influências na rotina/tratamento do participante de pesquisa, e conseqüentemente sem adição de riscos ou prejuízos ao bem-estar dos mesmos.

O investigador principal e demais colaboradores envolvidos no estudo acima se comprometem, individual e coletivamente, a utilizar os dados provenientes deste, apenas para os fins descritos e a cumprir todas as diretrizes e normas regulamentadoras descritas na Res. CNS Nº 466/12, e suas complementares, no que diz respeito ao sigilo e confidencialidade dos dados coletados.

São Paulo, 15 de outubro de 2018.

Marta Souza Santos
RG: 38.222.400-0